

Aplicação do Método Suzuki em uma aluna de piano com cegueira e rigidez em articulações: desafios e conquistas

GTE 01 - A pedagogia do piano em perspectivas: dimensões reflexivas e práticas

Comunicação

*Helenice Scapol Villar Rosa
helenicevillar.ufscar@gmail.com*

Resumo: O presente relato de experiência pedagógica aborda a aplicação do Método Suzuki em um espaço de Educação Musical, com uma aluna cega e cadeirante, portadora de artrogripose que apresenta conseqüente rigidez nas articulações. As práticas aqui descritas referem-se ao processo de ensino-aprendizagem que foi trabalhado com a aluna nas aulas individuais e coletivas de piano, no período de fevereiro de 2018 a junho de 2021. O relato tem como objetivo principal apresentar os desafios e conquistas da aluna em relação ao aprendizado do piano, e a proposta baseia-se em uma Educação Musical norteada pelo Método Suzuki. Entre os principais resultados observados até agora destacam-se a atitude colaborativa dos colegas e a superação de dificuldades como o uso do polegar, a execução de notas com som legato e grandes intervalos, bem como a crescente motivação da aluna, o grande envolvimento dos pais e os avanços no processo de aprendizagem musical, o que contribui para a discussão acerca da aplicação do Método Suzuki com alunos de inclusão.

Palavras-chave: 1. Método Suzuki para Piano; 2. Educação Musical; 3. Inclusão.

Introdução

As práticas descritas no presente trabalho, resultantes da atuação como professora, referem-se ao ensino-aprendizagem do piano por meio do Método Suzuki com Maria¹, uma aluna de inclusão na Klavier Educação Musical - Centro Suzuki de São Bernardo do Campo, no período de fevereiro de 2018 a junho de 2021.

A Klavier é um espaço de Educação Musical que teve início em 1989 e que, por muito tempo, teve seu ensino baseado em diversas metodologias. A partir de 2015, passou por um período de transição e hoje, todos os profissionais que atuam no espaço são professores com capacitação no Método Suzuki. A iniciativa para essa mudança foi motivada pela identificação dos ideais do quadro de profissionais atuantes no espaço com a Filosofia Suzuki, uma vez que a preocupação com o desenvolvimento do ser humano através da música sempre existiu nesse

¹ Nome fictício, para proteger a identidade da aluna.

espaço. Suzuki coloca que o objetivo do seu trabalho era treinar os alunos "não para serem músicos profissionais mas para serem bons músicos e mostrar toda sua habilidade em qualquer profissão que escolherem" (SUZUKI, 1988, p.103). Ele menciona ainda que, se todas as nações trabalhassem juntas para educar boas crianças, talvez não teríamos mais guerra (SUZUKI, 1988, p. 139).

Neste relato, é descrita a atuação da professora no período citado com destaque a algumas práticas educacionais que foram utilizadas com essa aluna de piano, portadora de artrogripose e cegueira. "A artrogripose múltipla congênita é caracterizada pela presença, ao nascimento, de múltiplas contraturas articulares" (ALENCAR JÚNIOR *et al.*, 1998, p. 481). No caso da aluna em questão, há rigidez nas articulações de quadris, joelhos e cotovelos, condição esta que a leva a ser cadeirante. A aluna apresenta também encurtamento dos membros superiores e inferiores.

O objetivo principal é descrever parte do trabalho com Maria, trabalho este que é norteado pelo Método Suzuki e que ainda está em andamento. Assim, busca-se apontar alguns desafios e conquistas da aluna em relação ao aprendizado do piano e sua inclusão no meio musical, no sentido de estimular e desenvolver nela um aumento do prazer em tocar bem um instrumento, tanto individualmente quanto em grupo. Como bem pontua Louro (2010):

Baseada no princípio de que a sociedade é para todos, a inclusão é a resposta - ou o resultado - de ações e manifestações distintas, em prol do tratamento igual para todas as pessoas, desde que as diferenças sejam respeitadas. A ideia de ter todos convivendo no mesmo espaço, usufruindo dos mesmos direitos e tendo os mesmos deveres, porém, ainda parece ser assustadora para alguns, pois a sociedade viveu séculos e séculos de exclusão, sendo organizada com base em valores que reforçavam a discriminação. (LOURO, 2010, p. 6 e 7).

Em contrapartida, os demais alunos que convivem com ela, nas aulas coletivas, têm a oportunidade de crescerem enquanto seres humanos, uma vez que são estimulados a perceber suas necessidades e a ajudar no que se fizer necessário, além de entender quais são as capacidades autônomas da aluna.

Recebendo a aluna

O primeiro contato da professora com Maria foi através de sua mãe, no início de 2018, quando foi conhecer o espaço e conversar sobre aulas de música. Comentou que sua filha tinha 12 anos e queria aprender a tocar piano e flauta doce.

O espaço tem dois pavimentos (sem elevador) e, na ocasião, a maioria das aulas de piano aconteciam no piso superior. Havia um piano no andar de baixo também. Ao apresentar o espaço para a mãe de Maria, a professora explicou essas condições, momento em que a mãe comentou que a menina era cadeirante. Como havia um piano no andar de baixo, logo ficou entendido que isso não seria um problema. Assim que a mãe conheceu o pavimento inferior, comentou que tinha mais uma questão: a menina era cega. Foi explicado que isso também não seria um problema, pois no Método Suzuki se desenvolve muito a escuta musical, e o fato de a aluna não enxergar não deveria ser um empecilho para ela tocar. Com a crença de que todos são capazes, a aluna foi recebida com muita alegria nesse espaço de Educação Musical.

A mãe contou que a menina já havia feito um pouco de aulas de teclado, em uma outra escola e, segundo o relato da mãe, as aulas não tinham sido muito bem-sucedidas.

Em entrevista com a mãe, soube-se que Maria nasceu com artrogripose, com consequente rigidez nas articulações e encurtamento dos membros. Seus braços e pernas são mais curtos e seus cotovelos e joelhos não esticam. Além disso, a mãe relatou que ela nasceu sem os globos oculares, de modo que suas pálpebras ficam fechadas o tempo todo. A mãe também relatou toda a trajetória de conquistas que haviam tido até aquele momento. Uma família com uma crença extremamente positiva no potencial da menina, o que para as professoras era excelente!

Maria foi recebida com muita alegria e expectativa por todos do espaço: professores, outros alunos e pais. No Método Suzuki, os alunos têm aulas individuais do instrumento, semanalmente. Além disso, participam de aulas coletivas. Assim, durante dois anos, Maria teve aulas individuais de piano com a professora Maria² e aulas coletivas com a professora Heloísa³ (autora deste relato). As aulas de flauta doce foram ministradas pela professora Heloísa e, a partir de 2020, todas as aulas passaram a ser ministradas por esta última.

² Nome fictício

³ Nome fictício

Maria apresenta dificuldade em se comunicar verbalmente. Segundo a mãe, isso é resultado de uma grande timidez. No início, ela se limitava a responder "sim" ou "não". Com o tempo, a convivência e a crença em sua capacidade, ela passou a falar um pouco mais. Mas não verbaliza seus sentimentos, não costuma dizer o que pensa e, na maioria das vezes, limita-se a responder o que lhe é perguntado.

O Método Suzuki e as práticas desenvolvidas com a aluna

O Método Suzuki foi desenvolvido no Japão, pelo violinista e pedagogo Shinichi Suzuki (1898-1998). Esse método de Educação Musical parte do pressuposto de que, se todas as crianças, de diferentes partes do mundo, podem aprender suas línguas maternas com aparente facilidade, também possuem um grande potencial para desenvolver qualquer habilidade em alto nível de qualidade. A partir de um método educacional adequado, o processo pode ocorrer de forma natural (SUZUKI, 2008, p. 9).

Suzuki constatou então que, para se desenvolver as habilidades musicais, é necessário um ambiente favorável que estimule e cultive o interesse dos alunos, ou seja, rico em estímulos musicais, bons exemplos, muita repetição e elogios sinceros (assim como ocorre quando a criança adquire a fala), de modo que o aluno sinta prazer em aprender música. “Preparação, tempo e ambiente devem juntos formar a motivação” (SUZUKI: 2008, p. 13).

O Método Suzuki também é chamado de Educação do Talento. Powell (1988), assinala a importância de se mencionar as ideias que fundamentam esse método, para que se possa ter uma visão mais abrangente dessa metodologia.

Assim, um dos pontos que fundamenta a Filosofia Suzuki é a crença de que todos são capazes de aprender a tocar um instrumento. Isso vai em oposição à crença de que somente as pessoas que nasceram com talento para tocar são capazes de o fazer. Para Suzuki, o talento pode ser desenvolvido em qualquer pessoa e em alto nível, a depender de como será conduzido o trabalho (SUZUKI, 2008, p. 9).

A participação dos pais é fundamental para esse processo. A partir de orientações por parte do professor, os pais conduzem os filhos nas diferentes etapas do aprendizado musical, sempre incentivando, encorajando, confortando e orientando, em um trabalho conjunto com o professor. Powell (1988) menciona que os pais têm um duplo papel: assistir às aulas para compreender o processo de ensino e fornecer um ambiente adequado em casa, o que inclui supervisionar a prática e garantir que a escuta seja feita.

Baseando-se nisso, a mãe de Maria foi orientada, desde o primeiro momento, pelas professoras, sobre qual seria o seu papel dentro do processo de aprendizagem do instrumento. E sua participação sempre foi efetiva e de grande importância, tanto no sentido de incentivo, motivação, quanto em relação à ajuda com as anotações do que precisa ser praticado e à supervisão da prática em casa.

A mãe também contribui muito no sentido de levar Maria em todos os eventos propostos, demonstrando não medir esforços no que se refere à dificuldade de locomoção, com a cadeira de rodas. A experiência de 32 anos de trabalho da Klavier demonstrou que a participação de alunos em recitais e festivais de música são muito motivadores e importantes para o seu desenvolvimento. E a mãe de Maria tem proporcionado grandes oportunidades, como viagens para a participação em festivais de música e participação em eventos promovidos pela própria Klavier, como encontros de alunos, aulas coletivas em parques e recitais em diferentes locais (universidade, shopping, anfiteatro, parque-escola).

Durante a pandemia, Maria participou de diversos recitais online, desde os organizados pela Klavier até eventos maiores, de âmbito nacional e internacional. E tem se mostrado cada vez mais interessada pelo piano, com resultados cada vez melhores.

No Método Suzuki, as habilidades musicais são desenvolvidas passo a passo, sendo que cada um deles deve ser proposto de acordo com a individualidade de cada aluno. Powell (1988) coloca que, para se atingir a maestria, deve-se ter uma abordagem única por vez e cada passo, independentemente do quão pequeno seja, deve ser dominado antes de se seguir para o próximo.

Assim, se um passo está difícil, o professor deve criar estratégias para que esse mesmo passo seja fracionado em partes menores, de modo que o aluno se mostre capaz de atingir um determinado objetivo. Por exemplo, se ele apresenta dificuldade em tocar uma frase inteira, pode-se focar em um único compasso. Se ainda assim está difícil, pode-se pensar em trabalhar algumas notas do compasso. Suzuki (1993) aponta que o objetivo do Método Suzuki não é fazer com que os alunos tenham progressos rápidos pelo repertório, mas sim, que desenvolvam suas habilidades de forma sólida.

No Método Suzuki de piano, os alunos aprendem primeiro a tocar com a mão direita. Suzuki (1993) explica que, para desenvolver o hábito de escutar seu próprio som ao tocar, os alunos são ensinados primeiro a buscar um som bonito com a mão direita, para só depois

aprenderem a fazê-lo com a mão esquerda. Isso, segundo o autor, ajuda a evitar o pensamento de que, para fazer música, basta tocar todas as notas sem errar.

Maria foi incentivada, desde o início, a tocar com um som bonito. Apresentou algumas dificuldades mais duradouras, como, por exemplo, tocar com som *legato* e com dedilhados corretos. E aos poucos, trabalhando um passo de cada vez, sendo incentivada a uma escuta atenta e a observação de outros colegas no grupo, foi conseguindo superar suas dificuldades.

Powell (1988) pontua que a parte considerada mais importante do Método Suzuki é a escuta. As gravações - de boa qualidade - do repertório que será aprendido, são tocadas repetidas vezes nas casas dos alunos e através dessa escuta, os alunos absorvem a linguagem musical, da mesma forma como absorvem os sons da sua língua materna. Assim, eles escutam muitas vezes o repertório antes de aprender a tocar uma peça, de modo que a música já se torne familiar.

Com Maria não foi diferente. Rapidamente ela conheceu o repertório e se mostrou capaz de buscar as notas e o ritmo nos instrumentos. A novidade parecia ser aprender os dedilhados e a musicalidade envolvidos em cada peça. Com muita paciência e muito cuidado, trabalhando um passo por vez, esses aspectos foram sendo introduzidos e essas habilidades foram sendo adquiridas.

Wickes (1982) aponta que as gravações fornecem um bom modelo para o som e que, assim como a criança precisa de um modelo de som preciso para aprender sua própria língua, também precisa de um modelo para o som que precisa ser executado. A autora aponta ainda que os alunos se atentam às gravações e às demonstrações do professor para tocar as peças. Ou seja, para o professor oferecer um bom modelo, deve estar bem preparado. E para isso, o método exige que o professor faça diversos cursos de capacitação.

Cada passo aprendido deve ser repetido muitas vezes, mas não de uma maneira mecânica ou aleatória, e sim com um enfoque específico. "Só 'tocar passando por cima' (...) não significa praticar bem" (SUZUKI, 2008, p. 61). Com a aluna, as orientações são sempre muito específicas em relação a como se deve praticar cada aspecto trabalhado. Para cada peça aprendida, um ponto por vez é introduzido: primeiro as notas e o ritmo (o que, por conhecer as peças após escutar muitas vezes, é a parte mais simples, de modo que não necessita, na maioria das vezes, da ajuda da professora), depois os dedilhados, as pausas, as articulações, o

fraseado, as dinâmicas. Um passo por vez, com muitas repetições, até se atingir um nível de excelência musical.

Powell (1988) explica que o repertório aprendido pelos alunos, no Método, é mantido continuamente. A autora aponta ainda que, pela repetição das peças, as habilidades adquiridas podem se fortalecer e novas habilidades podem ser adquiridas, bem como se conquista maior fluência ao tocar. Maria pratica diariamente e mantém a revisão de todas as peças já aprendidas. Constantemente, trabalha-se alguma nova habilidade em uma peça já conhecida. No início do segundo livro do Método Suzuki de piano, além de tocar as peças do primeiro livro na tonalidade original, a aluna já era capaz, por exemplo, de transpor várias delas para diferentes tonalidades. Um trabalho que foi introduzido a partir das peças que ela já sabia tocar.

O aluno deve ser encorajado e o elogio sincero e específico é mais eficaz, podendo, segundo Henderlong & Lepper (2002, *apud* BISPO, 2018, p. 6), ser uma forma de fomentar a motivação e a autoestima. Porém, depende do contexto em que é feito, do tipo de elogio, dos seus significados e da interpretação por parte de quem o recebe. Segundo Nóbrega (2019, p. 1), "uma vasta evidência científica considera que o elogio ao empenho influencia positivamente a motivação ao invés do elogio à pessoa".

Segundo Powell (1988), o Método Suzuki enfatiza uma psicologia não crítica, com uma ênfase grande no reforço positivo. A partir do momento em que se elogia pontos específicos que o aluno conseguiu realizar e o esforço empenhado para isso, há uma tendência de que ele se esforce em busca de novos elogios, o que pressupõe um grande empreendimento de esforços.

Com Maria, cada habilidade adquirida sempre foi elogiada e apontada: conseguir tocar as notas e os ritmos corretos, posicionar bem as mãos e os dedos, juntar e coordenar as mãos ao tocar, conseguir tocar grandes intervalos sem “esbarrar” em outras notas, conseguir tocar os acordes nas posições corretas que aparecem, utilizar os dedilhados corretos. Essas são algumas das destrezas adquiridas, sendo que algumas demoraram mais e outras menos para serem desenvolvidas.

Da mesma maneira que alguns bebês demoram mais a falar do que outros - e todos acabam falando - cada aluno tem o seu próprio ritmo para desenvolver suas habilidades musicais, de modo que a comparação deve ser evitada. Cada pessoa é única e deve ser valorizada em todas as etapas de sua aprendizagem, não importando quanto tempo leve para

atingir resultados. Cada pequeno resultado deve ser valorizado e, aos poucos, o aluno se desenvolve, no seu tempo.

Um grande desafio - talvez o maior até o momento - foi levar a aluna a tocar com os dedilhados corretos, para que pudesse ter resultados sonoros melhores. Com muito cuidado para que a aluna se sentisse bem e confiante, foi feita uma insistência para o uso dos dedilhados corretos. Os dedos 2, 3, 4 e 5 logo se ajustaram mas, durante os dois primeiros anos das aulas de piano, Maria não utilizava os polegares para tocar. Isso a impedia de executar alguns trechos em legato e prejudicava sua performance.

Maria não explicava o porquê - reforçando que ela se comunicava muito pouco - simplesmente, ela não utilizava esses dedos. Procurou-se investigar se isso era uma limitação pela condição física dela ou se simplesmente ela não o fazia por ser mais fácil usar o dedilhado que já estava acostumada antes de iniciar as aulas pelo Método Suzuki. A mãe chegou a comentar que quando pequena, Maria tinha certa rigidez nos polegares mas que, aparentemente, com todos os exercícios feitos na infância, isso tinha se resolvido. Mesmo assim, manteve-se essa dúvida e a professora Maria chegou a adaptar os dedilhados das peças para que a aluna pudesse tocar.

Foi observado que ela conseguia mover o polegar da mão esquerda para tocar flauta doce e em uma das aulas em grupo de piano, foi proposto que todos os alunos tocassem uma escala de Dó Maior. Como a aluna é cega, há necessidade de verbalizar tudo o que acontece e como acontece. Foi verbalizado como deveria ser feito o dedilhado para tocar a escala e de que modo a passagem dos dedos deveria ser feita, tanto no movimento ascendente quanto no descendente. Cada aluno tocou a escala e foi elogiado pelo uso correto dos dedilhados. Quando chegou a vez de Maria não foi diferente. Ela se mostrou capaz de tocar utilizando os polegares das duas mãos. E é claro, foi elogiada por isso.

Nas aulas individuais seguintes, voltou a tocar sem o uso dos polegares. Porém, ao constatar que ela era capaz de utilizar esses dedos, a insistência foi intensificada. E a partir da quarta peça do livro 2, quando a aluna passou a ter aulas com a professora Heloísa, as peças já passaram a ser aprendidas com os dedilhados corretos, sem adaptações. Aos poucos e com muita persistência, a aluna foi conquistando a habilidade de tocar com todos os dedos.

A participação de todos os alunos nas aulas em grupo e nos recitais possibilita uma aproximação de alunos de idades e níveis de aprendizado semelhantes e diferentes e isso impulsiona para que um aprenda com o outro. A troca de experiências entre os alunos é

fundamental no processo. Essa participação nas aulas em grupo é uma parte importante regular do método Suzuki, conforme aponta Wickes (1982). A autora afirma que os alunos têm a oportunidade de tocar com crianças que são mais avançadas, o que implica em uma grande e maravilhosa influência para seu aprendizado.

Na Klavier, sempre que um aluno novo é inserido na turma, a professora Heloísa comenta com os demais - ao longo da semana, já que a aula coletiva acontece às sextas-feiras - que eles terão um novo colega, e expõe alguma característica sobre esse aluno novo. Da mesma forma, a chegada de Maria foi preparada e esperada pelos demais. E em todas as aulas coletivas, ela é muito bem recebida, tanto pelos alunos quanto pelos outros pais.

Nas aulas presenciais, antes da pandemia, várias atividades dinâmicas eram feitas e Maria sempre participou de todas. Caminhar de mãos dadas quando se escuta uma passagem em *legato* e caminhar sozinho quando se escuta uma passagem em *staccato* é um exemplo. Assim, os alunos passaram a cuidar de Maria, de modo que ela não batesse em nenhum lugar e em ninguém quando tivesse que locomover sozinha sua cadeira. E sempre tinha alguém disposto a fazer dupla com ela quando tinha que caminhar de mãos dadas.

Outra atividade importante de ser relatada refere-se a um revezamento feito ao tocar em grupo: um aluno inicia uma peça, em um piano, toca uma frase e outro aluno continua, no outro piano; uma fila é feita em cada um dos pianos, de modo que os alunos vão se revezando. Interessante observar que algum aluno sempre se responsabilizava por mover Maria na fila e ajudar a posicioná-la ao piano, com sua cadeira de rodas. Várias danças foram feitas nessas aulas coletivas, buscando maior compreensão das frases musicais, por exemplo, e Maria sempre foi incluída.

Nas aulas de piano, pelo Método Suzuki, o aluno é levado a observar o professor, o dedilhado utilizado, a posição das mãos e os movimentos usados para auxiliar na busca de um melhor som. O fato de Maria não enxergar implica em um trabalho diferente - o que não é um problema, já que nenhum aluno é igual. Com a aluna, as situações precisam ser descritas verbalmente. Essa prática proporcionou uma grande e diferenciada experiência para as professoras e, na medida em que se foi conhecendo mais e melhor a aluna, foi ficando mais fácil e mais natural fazer essa descrição verbal. E os colegas da aula em grupo foram incentivados também a verbalizar algumas situações para que Maria pudesse saber o que estava acontecendo.

É importante ressaltar aqui que a motivação para as aulas coletivas - que normalmente aconteciam no andar superior, mas que foram adaptadas para acontecer no térreo - fez com que Maria desejasse aprender a subir escadas. Ela tinha sido informada que, se as aulas pudessem acontecer no andar de cima, onde tinha mais espaço, elas poderiam ser mais dinâmicas. Então, sentada, degrau a degrau, ela passa para o pavimento superior e, na hora de descer, algum aluno sempre demonstra querer acompanhá-la e, como ela, descer sentado.

No Método Suzuki, há um grande incentivo à cooperação (em detrimento da competição), bem como ao respeito pela individualidade e pelo tempo de aprendizagem de cada um. Isso é claramente observado nas aulas coletivas.

Além de focar no desenvolvimento das habilidades musicais, na prática da Filosofia Suzuki são trabalhadas não só habilidades cognitivas, motoras e sensoriais, como também a integração social e o fortalecimento de vínculos familiares. Ou seja, todo o potencial humano é estimulado. Shinichi Suzuki não pretendia criar gênios musicais, mas sim, utilizar a música para desenvolver o caráter de cada aluno. “Se uma criança ouve boa música (...) e também aprende a tocar, desenvolve sensibilidade, disciplina e perseverança. Conquista assim, um bom coração” (SUZUKI, 2008, p. 139).

Podemos ver o resultado desse desenvolvimento de caráter nas relações entre os alunos. Ao incluir Maria, isso ficou muito claro: mesmo sem conversar, nota-se um grande respeito dela para com os colegas e deles para com ela. Maria tem a oportunidade de crescer e se desenvolver a partir da observação dos demais, de ser incluída em um grupo em que todos têm a música como interesse em comum, podendo desenvolver um sentido de pertencimento. Os demais alunos - que convivem com ela - têm a oportunidade de crescer enquanto seres humanos, sendo estimulados a perceber suas necessidades e a ajudar no que se fizer necessário, além de compreender que a aluna tem muitas capacidades autônomas.

Atualmente, Maria está concluindo o livro 2 do Método Suzuki. Assim, ela toca alguns Minuetos de Bach, peças do Álbum para a Juventude de Schumann, peças do livro “For Children”, de Bartók, Sonatina em Sol Maior de Beethoven, entre outras peças. Sua execução musical é muito clara e expressiva. Para as aulas, cada aspecto é corrigido com demonstrações e as tarefas são gravadas com bons exemplos musicais, para que ela possa escutar durante a semana. Muitas conquistas já foram feitas e acredita-se que haverá grande sucesso nas próximas etapas e nos próximos desafios.

Considerações Finais

Durante o período trabalhado com Maria, pode-se perceber que houve grandes conquistas proporcionadas pela maneira como se trabalha no Método Suzuki. Dentre os principais resultados observados até agora, destacam-se a superação de dificuldades como o uso do polegar, a execução de notas com som *legato* e grandes intervalos, a crescente motivação da aluna e o grande envolvimento dos pais, o que contribui para a discussão acerca do uso do Método Suzuki com alunos de inclusão.

O aspecto mais interessante observado é que o fato de Maria ter limitações decorrentes de suas deficiências físicas não torna o trabalho diferente do trabalho com outro aluno, já que todos os alunos são diferentes e, no Método Suzuki, se um aluno não consegue ter êxito em uma determinada tarefa, a partir de uma estratégia de ensino utilizada, são buscadas novas estratégias, até que ele consiga realizá-la.

O fato de se trabalhar passo a passo possibilita que as dificuldades sejam gradualmente minimizadas e que as habilidades possam ser desenvolvidas. Essa possibilidade de se desenvolver em alto nível tende a levar o aluno a um maior patamar de autoestima.

Referências

ALENCAR JÚNIOR, Carlos Augusto; GONTEI, Edson de Lucena Feitosa Mac; MAIA, Sammya Bezerra; MENESES, Dalgimar Beserra de. Diagnóstico pré-natal da artrogripose múltipla congênita: Relato de Caso. RBGO- v. 20, no 8, 1998. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbgo/a/CrGhTRFgYFKWZqs6H6tKNXJ/?lang=pt&format=pdf>>.

Acesso em: 29 jul. 2021.

BISPO, Ana Rosa de Noronha da Costa. A importância do elogio nas emoções, motivação intrínseca e criatividade de crianças em idade escolar. Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, 2018. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10071/18410>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LOURO, Viviane. Arte e responsabilidade social: inclusão pelo teatro e pela música. Santo André: TDT Artes, 2009.

NÓBREGA, A. T. C. (2019). O efeito do elogio na criatividade, orgulho, autoestima e motivação intrínseca: o papel da autoeficácia. Iscte-Instituto Universitário de Lisboa]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/19323>>. Acesso em: 16 Jul. 2021.

POWELL, Mary Craig. Focus on Suzuki Piano: creative and effective ideas for teachers and parents. USA: Summy-Birchard Music, 1988.

SUZUKI, Shinichi. Educação é Amor: o método clássico da educação do talento. Tradução de Anne Corinna Gottbert. 3ª edição. Santa Maria: Pallotti, 2008.

SUZUKI, Shinichi. How to teach Suzuki piano. USA: Summy-Birchard Music, 1993.

WICKES, Linda. The Genius of Simplicity. USA: Summy-Birchard Music, 1982.